

Crise e Apogeu: as Representações do *Jornal dos Sports* sobre a Seleção Brasileira na Copa América de 1989¹

André Alexandre Guimarães COUTO²
CEFET/RJ, Rio de Janeiro
Álvaro Vicente do CABO³
UCAM, Rio de Janeiro

Resumo

O principal torneio sul-americano de futebol de seleções, a Copa América, voltara a ser disputada em sede única no Brasil em 1989. A campanha da seleção brasileira, que se preparava também para disputa da Copa do Mundo no ano seguinte, partiu da primeira fase apresentando dificuldades dentro e fora do campo e atingira uma fase final jogando de forma competitiva e com melhor desempenho. A cobertura do *Jornal dos Sports* (*JS*) criaria algumas representações acerca de temas como o real papel do torcedor; a sede/palco ideal dos jogos e a posição do futebol brasileiro no cenário continental. Destacam-se, ainda, a visão carioca e histórica do jornal ao propor soluções locais para o dirigismo da seleção brasileira, assim como o acionamento de memória em relação ao ano de 1950.

Palavras-chave

Copa América; Seleção Brasileira; *Jornal dos Sports*.

A América no Brasil

Após quarenta anos de ausência no calendário do futebol sul-americano, finalmente a Copa América era organizada em território brasileiro como uma sede única.⁴ Cabe lembrar que entre 1975 e 1983 a competição fora realizada sem sede fixa, sendo disputada em jogos no modelo “ida e volta”. Em 1987, a CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol) resolvera reorganizar o evento em sede única (o que não ocorria desde 1967), motivada principalmente na ideia de promover um evento rentável do ponto de vista não apenas do público presente nos estádios, mas também nos direitos de transmissão e demais produtos de *merchandising* (como bonecos, chaveiros, camisetas e tantos outros souvenirs). Desta forma, e estabelecendo um calendário bianual, o torneio chegara no Brasil em 1989 sob a perspectiva de se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor e Pesquisador do CEFET/RJ; Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integra o SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ) e o NEPPES (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da UFF); e-mail: guimaraescouto@yahoo.com.br.

³ Professor da UCAM; Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o SPORT (Laboratório de História do Esporte e do Lazer da UFRJ) e o LEME (Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte da UERJ); e-mail: alvarodocabo@yahoo.com.br.

⁴ A última realizada totalmente em território brasileiro ocorreu em 1949, vencida pelo Brasil.

tornar um sucesso de público e de renda para os cofres da confederação sul-americana e brasileira (CBF).

Os principais jornalistas esportivos e seus respectivos veículos tinham, no geral, uma postura otimista em relação ao desempenho brasileiro na competição que se aproximava. Depois de duas copas do mundo sem sucesso (Espanha/1982 e México/1986) sob a liderança do treinador Telê Santana, esperava-se da CBF a formação de um time vencedor para o campeonato mundial de 1990 (Itália). Porém, era preciso retomar a vitória no principal torneio sul-americano de seleções: a Copa América.⁵ A seleção brasileira de futebol não conquistara o continente desde 1949, um longo jejum para um país que conquistara títulos mundiais importantes nas décadas de 1950, 1960 e 1970.

Vencer em casa tornara-se quase uma obrigação, sob vários aspectos. Inclusive, do ponto de vista da sustentação de um otimismo que se formava a partir de uma nova geração de jogadores que alcançara um destaque nas Olimpíadas de Verão de 1988 (Seul, Coreia do Sul) quando conquistaram a medalha de prata.⁶ No entanto, às vésperas da Copa América, uma excursão preparatória e amistosa no continente europeu, revelara o desentrosamento e a má qualidade técnica da equipe como um todo, como poderemos comentar mais adiante.

A CBF se empenhara não apenas na formação de um time vencedor mas também se preocupara com a organização do torneio, escolhendo quatro cidades para sediá-lo: Goiânia (Serra Dourada); Salvador (Fonte Nova); Recife (Arruda) e Rio de Janeiro (Maracanã). Desta forma, a confederação nacional articulava a participação da seleção brasileira em três das cinco regiões brasileiras, reservando a fase final justamente para a cidade sede da CBF, o Rio de Janeiro.

O Brasil, enfim, receberia novamente a maior competição de seleções do continente, com a presença da representação dos 10 países da América do Sul. O país como um todo vivia a expectativa de retomada das eleições diretas para presidente da República, o que não ocorria desde 1960 com a vitória de Jânio Quadros (UDN). Após um longo processo político de intervenção militar e de governos eleitos indiretamente pelo poder legislativo, a população brasileira, sob a égide de uma recém promulgada

⁵ Cabe lembrar que a competição é nomeada de Copa América pela CONMEBOL apenas em 1975. Todavia, o termo já era associado à competição, mas especificamente ao troféu entregue à seleção vencedora do torneio. Ver o estudo de COUTO e CABO (2019) sobre a competição disputada no Brasil em 1949.

⁶ Destacam-se, por exemplo, os atacantes Romário e Bebeto, o goleiro Taffarel, o lateral Mazinho, os zagueiros André Cruz e Ricardo Gomes e o meia Geovani.

Constituição Federal (1988), poderia pensar em decidir ao menos o seu governante maior. Posteriormente, as eleições seriam marcadas por uma forte pulverização ideológica e pela multiplicidade de legendas políticas, dificultando coligações partidárias mais amplas. Assim, por conta de uma série de fatores como o desgaste político do então presidente da República, José Sarney, de seu partido (PMDB) e de outros aliados como o PFL, que compunham a base governista, o panorama eleitoral presidencial apresentaria 22 chapas para o cargo maior do executivo brasileiro (FREIRE e CARVALHO, 2018, p. 121-125).⁷

Porém, do ponto de vista econômico e social, os índices registrados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstravam que a inflação calculada no ano de 1989 e medida pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) acumulou ao longo do ano o percentual de 1.863,56%, sendo uma taxa bastante superior aos 993,28% verificados no ano anterior (IBGE, 1991, p. 17). Difícil manter o otimismo com uma taxa inflacionária deste porte, mesmo para uma população que convivia com índices altos por décadas em sua história. Os altos índices inflacionários impactavam diretamente na desigualdade social e na pobreza entre os brasileiros (HOFFMANN, 1995, p. 293-294).

O panorama social e econômico atingira um nível muito grave para a maior parte da população brasileira, principalmente pelo resultado de planos econômicos que fracassaram durante o Governo Sarney (1985-1989) e pela conjuntura econômica internacional totalmente adversa para os países subsenvolvidos ou em desenvolvimento (PRADO e LEOPOLDI, 2018, p. 73-117).

Desta forma, é nesta conjuntura em que a Copa América de 1989 se apresentava à torcida e à população brasileira; não como uma forma de distração dos problemas sociais e econômicos do país, mas como uma forma de desenvolver uma aproximação com o orgulho de ser brasileiro e de sorver um sentimento de pertencimento nacional, ao menos no plano esportivo.

A crise baiana: o caso Charles

⁷ Para uma visão sobre o final do Governo Sarney, em especial sob o aspecto político e dos movimentos sociais, ver: FERREIRA, Jorge. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo da Nova República**: da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Coleção O Brasil Republicano. V. 5, em especial entre as páginas 52 e 67.

O ano de 1989 tornou-se uma grande oportunidade para a CBF. Era a chance de organizar o principal torneio sul-americano; levantar um título continental importante e formar uma equipe competitiva para a disputa do Mundial da FIFA no ano seguinte. De quebra, para a presidência da entidade, assumida desde janeiro por Ricardo Teixeira, era a chance de iniciar uma gestão vitoriosa não apenas em campo mas, principalmente, do ponto de vista financeiro e organizacional.⁸ Um dos seus grandes aliados, Eurico Miranda, dirigente do Vasco do Gama, seria indicado para o cargo de Diretor de Futebol e, com ele, assumiria também uma comissão técnica liderada por Sebastião Lazaroni.⁹

O ano iniciara com uma programação intensa de amistosos antes da Copa América, mas há poucas semanas para o início da competição, em uma excursão de um total de quatro jogos (um torneio envolvendo Dinamarca e Suécia e dois jogos amistosos, um contra a Suíça e outra contra o clube italiano do Milan), a seleção brasileira acumulara derrotas significativas para as equipes europeias, acarretando críticas duras da imprensa esportiva brasileira.¹⁰

Se já não bastassem os maus resultados e as atuações ruins do selecionado nestas partidas pré torneio sul-americano, a equipe de Lazaroni enfrentaria fortes protestos de parte da torcida baiana por conta do jogador Charles, cortado às vésperas do início da Copa América, por conta de uma exigência da organização da competição.¹¹ O jogador, um dos ídolos da equipe do Esporte Clube Bahia, alcançara destaque não apenas nos jogos finais do Campeonato Brasileiro de 1988, como também na Taça Libertadores da América do ano seguinte.¹² Portanto, sua convocação representava para muitos baianos e nordestinos uma forma de representar melhor a multiplicidade regional dos clubes na seleção brasileira, além de reconhecer o bom futebol desempenhado pelo referido atleta e seu clube de origem.

Como forma de protestar contra o corte do jogador baiano, a torcida presente nos estádios apelou para uma série de ações contrárias à equipe: vaias, aplausos para a

⁸ Ricardo Terra Teixeira, genro de João Havelange (presidente da CBD entre 1958-1974 e da FIFA entre 1974-1998), substituiria Octávio Pinto Guimarães na presidência da CBF, vencendo nas eleições, Nabi Abi Chedid (então, vice-presidente desta entidade). Ficaria no cargo até 2012 e seria acusado de vários crimes ligados à corrupção no futebol.

⁹ Lazaroni substituiria Carlos Alberto Silva e fora convidado por dois grandes motivos: tinha sido tricampeão carioca por dois times distintos (Flamengo/1986 e Vasco/1987 e 1988) e pelo fato de estar próximo do novo Diretor de Futebol da CBF, Eurico Miranda.

¹⁰ No torneio da Dinamarca, o Brasil perdera para a Suécia por 1x2 (16/06) e por 0x4 (18/06). Logo a seguir, nova derrota por 0x1 para a Suíça (21/06) e, finalmente, um empate em 0x0 com o Milan (22/06). Dados disponíveis em: <<https://rssfbrasil.com/sel/brazil198889.htm>>. Acesso em: 10 de outubro de 2020.

¹¹ As regras do torneio apontavam que as seleções deveriam inscrever apenas 20 atletas na primeira fase e, em passando para a fase final, mais 2 atletas complementares.

¹² Charles fora campeão brasileiro em 1988 com o Bahia e, com este clube, chegara até as quartas de final da Taça Libertadores da América, quando foi eliminado pelo também time brasileiro do Internacional.

seleção adversária, queima de bandeiras brasileiras e arremesso de ovos nos jogadores brasileiros. Paralelo a isso, parte da imprensa esportiva baiana condenava o corte do jogador e tentava compreender as causas da revolta dos torcedores nos estádios.¹³ Aliás, cabe lembrar que o Estádio da Fonte Nova, palco da disputa dos três primeiros jogos da seleção brasileira (contra, respectivamente, Venezuela, Peru e Colômbia) tinha na ocasião uma capacidade de aproximadamente 80.000 expectadores. Todavia, o público presente nestas partidas foi bem aquém da capacidade limite. Ou seja, para além de compreendermos a questão social/econômica de acesso aos ingressos, compreendemos que a não ida à Fonte Nova também era uma forma clara de protesto da torcida local.

O *Jornal dos Sports (JS)* e seus principais cronistas faziam uma crítica à pouca qualidade do futebol desenvolvido pela equipe, mas faziam ressalvas sérias sobre o papel da torcida baiana, rechaçando o que entendiam ser um regionalismo oportunista e nocivo ao apoio que o selecionado tanto necessitava. Washington Rodrigues informava em sua coluna no dia 03/07/1989, dia em que o Brasil disputaria seu segundo jogo (contra o Peru), que o grande culpado era o treinador Lazaroni, por convocar e desconvocar logo a seguir o atacante Charles.¹⁴ Porém, faria juízo de valor sobre o ideal comportamento da torcida brasileira:

Estou horrorizado com o que estou vendo, lendo e ouvindo aqui em Salvador. A coisa chegou a tal ponto que no café da manhã, irritado com o que acabara de ler num dos jornais baianos, Eurico Miranda deu um soco na mesa e decretou: - não tem mais jogo aqui. Vamos jogar os restantes em outro lugar.

(...) Acho perfeitamente válido o protesto do Eurico. Efetivamente está demais. Queimar bandeiras brasileiras, atirar laranjas e foguetões em cima da ensaiada banda da Polícia Militar durante os hinos, exportando imagens apavorantes e deformadas sobre o nosso comportamento e a nossa cultura, são atos deploráveis que liquidam com a razão de revolta que os baianos poderiam ter.

Temos que reconhecer que a culpa é exclusivamente de Lazaroni. Se não tivesse chamado o Charles não teria acontecido nada disso. Ninguém repararia na sua ausência e a vida seguiria normalmente. Convocou, e o que foi muito pior. Desconvocou e convocou novamente para cortá-lo dois dias depois. Aí é que a galera local se

¹³ Não fez parte deste artigo a análise de jornais baianos sobre o caso em questão. Apesar de sabermos da importância destas fontes, procuramos compreendê-lo a partir das representações construídas e/ou reproduzidas pelo *Jornal dos Sports*. Procuraremos, no entanto, compreender aquelas fontes em trabalhos futuros.

¹⁴ Washington Carlos Nunes Rodrigues (1936-), também conhecido como “Apolinho”, trabalhou em vários jornais e rádios atuando no jornalismo esportivo. No *JS*, atuou entre as décadas de 1980 e 1990, onde criou a coluna “Geraldinos e Arquibaldos”. Suas crônicas, em geral, demonstravam uma visão clássica e tradicional sobre o futebol, apresentando, por exemplo, dentre outras representações, o ideal de comportamento do torcedor e as qualidades do “verdadeiro futebol brasileiro”. Apresentava em seus textos no *JS* uma narrativa popular com muitas gírias e uma linguagem ágil, de fácil compreensão. Nas rádios em que atua(va), procura(va) dar o mesmo tom, com doses de humor e ironia.

agarrou e, incentivada por jornalistas e radialistas locais, passou aos protestos mais violentos.

Agora não tem mais jeito. Teremos que conviver com o problema até o fim, cumprindo normalmente os compromissos com o Peru e a Colômbia. Carregar a nossa cruz. Trocar o treinador, como sugerem alguns, também não é a solução. A não ser que para o lugar do Lazaroni o Eurico Miranda consiga trazer o Rambo. Com muita disposição e todas aquelas suas traquinadas de combate (RODRIGUES, 03/07/1919, p. 5).

Para o cronista, as manifestações revelavam uma vergonha nacional, pois as imagens correriam o continente e o mundo, justamente num momento difícil social e economicamente do país. O autor usa a palavra “deformada” para imprimir sua opinião sobre o comportamento e a cultura ideais do brasileiro, demonstrando a ideia de que as características do povo deste país estariam longe da hostilidade, das lutas sociais e da organização de protestos. Apesar da culpabilidade do treinador, expressa nas linhas de sua crônica, o autor não deixa de lado as intenções da imprensa local (jornais, rádios e televisão) em aumentar o problema, incentivando uma verdadeira guerra. Não por acaso, o personagem que compõe o texto (Rambo), presente no título e no final da crônica, é um dos mais famosos do cinema de ação norte-americano e mundial, uma verdadeira máquina de guerra.¹⁵

O cronista previa que os jogos em Salvador seria difíceis e em clima de conflito. E realmente o foram. Além da estreia com vitória pouco convincente contra a Venezuela (3x1), a seleção empataria em 0x0 com Peru e Colômbia. Apesar de não solicitar naquele momento a substituição do treinador, cabe lembrar que o *JS* faria uma campanha (com direito à primeira capa e com todo o destaque possível) em favor de Valdir Espinoza, então treinador do Botafogo.¹⁶ Além do vínculo com o clube alvinegro, Espinoza fora contratado para escrever como cronista do *JS* durante a Copa América. De certa forma, era a “contribuição” do jornal em melhorar o desempenho da seleção brasileira: do lobby à consultoria pública na assinatura das crônicas do treinador ascendido.

¹⁵ Personagem icônico do ator Sylvester Stallone, Rambo é lembrado pelo cronista muito provavelmente por conta do sucesso do filme norte-americano “Rambo 3”, dirigido por Peter MacDonald no ano de 1988. De acordo com o Livro Guinness de Recordes (edição de 1990), este filme seria o mais violento até aquela oportunidade, com cenas recordes de violência e mortes.

¹⁶ Espinoza era lembrado por ter feito a façanha de levar o Botafogo ao título de campeão carioca naquele ano, após um jejum de títulos importantes durante 21 anos. Após os três jogos iniciais em Salvador, a edição de 09/07/1989 apresentava em manchete garrafal: “Espinoza é o técnico do Brasil”. E na edição anterior de 08/07/1989, a manchete era “Lazaroni cai: Leão disputa com Espinoza”.

Para outro cronista, Nelson Rodrigues Filho, mais crítico do que seu colega de redação, o corte de Charles estaria vinculado com uma “falcatrua” da CBF para vender mais ingressos como ele afirma em sua crônica¹⁷:

(...) Quando foi anunciado que Charles não estaria no grupo, a torcida baiana se preparou para boicotar o jogo, deixando de comprar ingressos. Um direito todo seu. Afinal, é uma das formas válidas de a torcida se manifestar: não ir ao estádio.

Com a convocação de Charles, o público comprou os ingressos.

A questão financeira estava resolvida. Charles, então, deixara de ser importante para a Comissão Técnica, e, portanto, podia ser cortado.

Essa pequena falcatrua (assim os baianos o entenderam e, da forma como se deu, não poderiam entender de outro modo), deixou possessa a torcida baiana, que não gostou de ser torpemente utilizada, segundo seu entendimento, nesse pouco cristalino processo. (...) (RODRIGUES FILHO, 03/07/1989, p. 5).

O cronista compreende as razões das manifestações raivosas da torcida baiana para além da identidade regional de um único jogador (cabe lembrar que outros atletas tinham origem nordestina, como os baianos Bebeto e Aldair e o paraibano Mazinho), mas pela forma como ela fora ludibriada pela CBF, com o único objetivo de garantir público nos jogos em Salvador.¹⁸ A torcida presente nos três jogos foi aquém do esperado por conta deste imbróglio entre público, comissão técnica e CBF. Cerca de 13 mil pessoas foram assistir o jogo de estreia e nos jogos subsequente, menos da metade da capacidade da totalidade do estádio.

Finalmente, após as críticas da torcida, imprensa esportiva local baiana e até do próprio *JS* (este pelo fraco desempenho técnico da seleção, inclusive em decorrência da utilização de três zagueiros no esquema tático), a equipe de Lazaroni chegara ao último jogo pressionada por todos os lados, inclusive pela possibilidade de ser eliminada ainda na primeira fase.¹⁹ O jogo contra o Paraguai, já classificado para a fase final fora agendado para o Estádio do Arruda (Recife). Salvador ficara para trás. Para os jogadores, as críticas, vaias e clima de guerra, além do mau estado do gramado, influenciaram os resultados ruins até então.

Paralelo a isso, o *JS* continuava sua campanha para influenciar a troca do treinador, inclusive promovendo e divulgando uma pesquisa realizada entre jornalistas

¹⁷ Nelson Rodrigues Filho, filho do jornalista e dramaturgo Nelson Rodrigues, atuou como colunista do *JS*. Ativista político durante a ditadura militar brasileira, procurava em suas crônicas fazer análises bem críticas e, por vezes, escrevia textos com visões sociais sobre o mundo do futebol.

¹⁸ Obviamente, esta identidade regional não se refere a um fator específico neste caso: a identidade clubística. Bebeto e Aldair jogavam pelo Flamengo e Mazinho, pelo Vasco, ambos clubes do Rio de Janeiro.

¹⁹ Lazaroni tentara implantar um esquema tático com a presença de um líbero, um zagueiro que jogaria com mais liberdade, dando mais espaços para os laterais avançarem ao ataque com mais frequência.

de vários veículos de comunicação dos estados do Rio de Janeiro (10), São Paulo (9), Minas Gerais (2), Rio Grande do Sul (3), Pernambuco (2), Bahia (7) e Maranhão (1)(RODRIGUES, 08/07/1989, p. 4). Na enquete, envolvendo 34 profissionais da imprensa, o nome de Carlos Alberto Silva (treinador da seleção anterior à Lazaroni) saiu vencedor com 12 votos, seguido pelo próprio Sebastião Lazaroni (11 votos) e Telê Santana (3 votos).²⁰

Com uma vitória por 2x0, em um estádio quase lotado (60.790 de público pagante) e com bastante apoio da torcida, a crise vivenciada na Bahia tornara-se um obstáculo superado.²¹ A fase final no Maracanã (Rio de Janeiro) tornaria-se o ponto alto desta campanha da seleção Brasileira. De acordo com Nelson Rodrigues Filho, “(...) o clima sem dúvida era outro. Os pernambucanos como que ampararam a seleção, a esta altura um tanto carente do calor da torcida. A experiência em Salvador deixou suas marcas. (...)” (RODRIGUES FILHO, 10/07/1989, p. 5). Para Washington Rodrigues, a seleção paraguaia, mais do que ter poupado 8 titulares (já que estava previamente classificada), teria facilitado a classificação brasileira por conta de questões políticas (pressão da CONMEBOL) e econômicas (receio das entidades organizadoras pelo fracasso na venda de ingressos para a fase seguinte, no Maracanã, e sem a presença do Brasil no quadrangular final). De acordo com este cronista: “(...) Foi uma grande farsa, uma mentira e nós não podemos compactuar com coisas desse tipo no futebol.” (RODRIGUES, 10/07/1919, p. 5).

Farsa ou coincidência de interesses, superação ou continuidade dos problemas técnicos desta equipe, o certo é que a viagem para Recife modificara o ânimo do selecionado brasileiro e o *JS*, aos poucos, construiria, dentre outras representações, um imaginário em torno do Estádio Mário Filho, o Maracanã.

Maracanã: espaço de redenção e de Memória na fase final

O Estádio Mário Filho que está completando em 2020 setenta anos acabou sendo o palco da realização das partidas finais da Copa América em 1989, servindo como eixo norteador simbólico das principais crônicas e reportagens dos articulistas do *Jornal dos Sports*. Após a conturbada primeira fase disputada no Nordeste, com destaque para a pressão sofrida pelo selecionado brasileiro nas três primeiras partidas disputadas na

²⁰ Matéria assinada pelo enviado especial do *JS* à Salvador, intitulada “Carlos Alberto é o treinador escolhido pelos jornalistas”.

²¹ Público informado pelo *Jornal dos Sports*, na data de 10/07/1989.

Fonte Nova em Salvador, o Maracanã acaba sendo representado como espaço adequado para a realização de boas partidas entre os finalistas, para a participação e apoio da torcida brasileira e para o eventual ressurgimento do que seria o “legítimo” futebol brasileiro para os “senhores da Memória”, apesar da permanência de algumas críticas ao treinador Sebastião Lazaroni.

Na edição de 09/07/1989, uma semana antes da final do torneio, o periódico apresentou diversas reportagens sobre benfeitorias no estádio desde a capa até no caderno suplementar dominical “Segundo Tempo”, exaltando o estádio e colocando como contraponto negativo a Fonte Nova como, por exemplo, a matéria “Maracanã aprovado para a Copa América”:

O Maracanã está passando pelos últimos retoques para sediar a partir dessa quarta-feira a fase final da Copa América, e segundo a SUDERJ, o estado do gramado, embora não seja o ideal está bom – ótimo se comparado por exemplo com o esburacado Estádio da Fonte Nova, onde a seleção penou nas primeiras partidas da competição. Também não há risco de uma pane nos refletores como a ocorrida em Salvador, pois a rede elétrica – como a hidráulica foi revisada, é das mais modernas do mundo e recebe alimentação de duas subestações garante o engenheiro Paulo Fampa (JORNAL DOS SPORTS, 09/07/89, p. 1).

É importante destacar que mesmo as reportagens tendo um caráter informativo e com foco na manutenção e nas condições de infra-estrutura do Maracanã, a recorrente menção negativa à passagem em Salvador nas reportagens permite a interpretação de que a tendência do *JS* é valorizar a realização de toda fase final na cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma ótica extremamente local. O Maracanã mesmo com alguns problemas apontados, como a impossibilidade de ter um gramado perfeito, seria o grande palco para a culminância do evento e não estaria “esburacado” como na Fonte Nova.

Neste sentido, o papel da torcida carioca, que costumava se identificar tanto com o estádio quanto com o selecionado nacional, segundo os principais articulistas do periódico, seria fundamental para o ressurgimento de um bom futebol brasileiro.

A presença no estádio, o apoio dos torcedores, uma possível mudança de ambiente depois da classificação em Recife são esperados na fase final na cidade do Rio de Janeiro e em sua principal arena futebolística. Nelson Rodrigues Filho, por exemplo, afirmou que “o Maracanã historicamente é o palco ideal para nossas seleções. Aqui a

torcida sempre esteve lado a lado do time. Embora sempre tenha tido suas preferências e grite por seus preferidos” (JORNAL DOS SPORTS, 10/07/1989, p. 6).

Essa expectativa de apoio popular da torcida local é corroborada por uma das últimas crônicas do técnico/cronista convidado Valdir Espinosa no dia da estreia da seleção brasileira na fase final, que foi realizada em sistema de quadrangular com todas as equipes jogando entre si. O Brasil enfrentaria justamente a Argentina, então campeã mundial e que tinha astros como Maradona, Burrochaga, Ruggeri, Brown, Caniggia Pumpido e era dirigida pelo tradicional técnico Carlos Bilardo:

Estes jogos é bom lembrar estão sendo realizados no maior país da América do Sul, na cidade maravilhosa conhecida por sua extrema beleza e tendo como palco o maior estádio do mundo. Temos certeza que o velho templo do Maracanã será tomado por uma torcida que dará a nossa seleção, o carinho, a confiança, e o apoio fundamentais para que possa atingir seu objetivo, vencer. Avante Brasil, tu não estás sozinho (ESPINOSA, 12/07/1989, p. 5).

Diversos estereótipos e um tom nacionalista pode ser identificado neste pequeno trecho como: país continental, cidade maravilhosa, palco sagrado, torcida que apoia incondicionalmente e a ideia de integração nacional a partir de uma equipe de futebol. O Brasil que deve ir avante é representado ao mesmo tempo como a equipe de futebol dirigida por Sebastião Lazaroni e a própria metonímia de nação brasileira.

O início da fase final acabara empolgante tanto para o Brasil que derrota de forma contundente o tradicional rival por 2x0 com dois belos gols da dupla de ataque Bebeto e Romário, quanto para o selecionado uruguaio que após ressuscitar na competição devido a uma vitória do Chile sobre a seleção equatoriana na última rodada da primeira fase, conseguira derrotar a equipe paraguaia que havia se destacado na primeira fase com um categórico resultado de 3x0.

A seleção uruguaia assim como a brasileira não tinha feito uma boa primeira fase²² e só não foi eliminada em função do saldo de gols, mas era bicampeã do torneio e tinha importantes jogadores do futebol uruguaio nos anos oitenta: Francescoli, Hugo de León, Alzamendi, Rubem Paz, Rubem Sosa, além de ser comandada por um jovem técnico que se tornaria um dos maiores da História do futebol uruguaio, Óscar Tábaréz.

Coincidentemente, além do ressurgimento do bom futebol dessas duas tradicionais equipes do continente, a tabela do quadrangular decisivo estabelecia o

²² A seleção uruguaia na primeira fase teve duas derrotas: para o Equador e Argentina por 1x0, mas goleou a Bolívia e o Chile respectivamente por 3x0 e conseguiu assim uma classificação inesperada na última rodada da primeira fase para o quadrangular final.

confronto entre elas justamente na última rodada, um domingo de 16 de julho, data na qual a seleção uruguaia havia derrotado a brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 realizada no país, e tendo também como palco decisivo das partidas brasileiras na fase final o estádio do Maracanã.

A partir deste momento, em função das vitórias iniciais de ambas as equipes é possível identificar em diversas reportagens e crônicas um acionamento da memória de 1950 e da construção de uma narrativa épica incorporada à fase final do torneio. O cronista Washington Rodrigues afirma por exemplo em crônica intitulada “Pau na Máquina”:

Hoje voltamos a campo para jogar com o Paraguai. Precisamos ganhar para garantir uma posição confortável no jogão de domingo com o Uruguai. Por uma dessas coincidências, Brasil e Uruguai voltarão ao Maracanã na mesma data de 16 de julho, fatídica para nós há trinta e nove anos, quando vimos os uruguaiois darem a volta olímpica diante de 200 mil pessoas atônitas. Perdíamos ali a chance de conquistar a primeira Copa do Mundo (RODRIGUES, 14/07/1989, p. 3).

Faz-se mister ressaltar que esse caráter trágico imputado pela derrota futebolística diante dos uruguaiois em 1950, como na caracterização de “fatídica” a data de 16 de julho ou de “atônitas” as pessoas que assistiram a final do torneio não é uma exclusividade do meio jornalístico, e nos anos oitenta dois autores que escreveram textos clássicos sobre essa final que são referenciados até os dias atuais, mesmo na Academia, são fundamentais para reforçar essa representação de tragédia no imaginário coletivo: Roberto da Matta e Paulo Perdigão.²³

A intensificação no processo de acionamento da memória de 1950 ocorreu após a segunda rodada da fase final e as respectivas vitórias do Brasil e Uruguai sobre Paraguai e Argentina pelos mesmos placares, fato que colocava ambos os países em iguais condições na disputa do título da Copa América no domingo, dia 16 de julho. É possível identificar esse tema, por exemplo, em reportagem intitulada “Brasil goleia e pode levar a Copa América” assinada por Carlos Alberto Rodrigues:

O Brasil vai disputar a finalíssima da Copa América com o Uruguai amanhã. A vitória incontestável sobre o Paraguai por 3x0 ontem a noite no Maracanã deu a seleção brasileira a oportunidade de lavar a alma da torcida e pelo menos, amenizar a perda da Copa do Mundo de 1950 disputada também num dia 16 de julho, há 39 anos. Basta vencer

²³ Tanto Roberto da Matta em artigo da importante coletânea *Universo do Futebol* (1982), quanto o psicanalista Paulo Perdigão em sua obra “Anatomia de uma derrota” (1986) são fundamentais para o fortalecimento de uma representação de tragédia que transcende os gramados futebolísticos e reverbera na própria memória coletiva nacional.

o Uruguai, nosso tradicional adversário (JORNAL DOS SPORTS, 15/07/1989, p. 5).

Independentemente das enormes diferenças das conjunturas históricas e da importância de uma competição continental para uma mundial, as ideias de revanche, redenção, forra e até mesmo de vingança da derrota de 50 como na afirmação “oportunidade de lavar a alma da torcida” passam a ser uma construção recorrente no periódico e na própria ambientação para a final.

A própria CBF teria organizado também uma homenagem a jogadores brasileiros e uruguaios para o dia da final e segundo seu presidente Ricardo Teixeira: “o momento é adequado para que jogadores do Brasil e Uruguai recebam uma ‘justa homenagem’. Seria um reconhecimento aos craques que tantas glórias deram as duas seleções” (JORNAL DOS SPORTS, 15/07/89, p. 6).

Apenas os técnicos de ambas as seleções pareciam querer se desvencilhar da memória de 1950 diante da insistência no tema pelos jornalistas, provavelmente buscando minimizar o peso simbólico de eventual revés. Segundo Óscar Tábarez: “Para nós a decisão de 1950 não tem nada a ver. O momento é outro, não sei se para o Brasil é a mesma coisa”. Já Sebastião Lazaroni teria afirmado “Eu nasci meses depois daquele jogo. Foi outra época, vivida por outros profissionais do mesmo ou melhor gabarito que nós” (JORNAL DOS SPORTS, 15/07/1989, p. 4 e 14).

A edição do dia 16 de julho é a culminância do acionamento da final de 1950. Grande parte das reportagens e crônicas fazem referência à partida e aos personagens do espetáculo; ex-jogadores são trazidos para serem mais uma vez ouvidos sobre a história e a memória dessa derrota ritualizada ao longo de décadas.

A própria capa já é emblemática do eixo simbólico norteador desse exemplar. Em letras garrafais: “Brasil e Uruguai revivem a final de 50. É hora da vingança. Vai ser um jogo de arrebentar corações. O Brasil pode quebrar um jejum de 40 anos se vencer o Uruguai, seu velho adversário no continente. O Maracanã deve ser pequeno para acolher a torcida. É hoje ou nunca!” (JORNAL DOS SPORTS, 16/07/1989, p. 1).

Entretanto, o que mais nos chamou a atenção foi a quantidade de reportagens sobre a final de 1950, com a utilização de diversos depoimentos dos jogadores brasileiros que estiveram presentes naquela partida. Dentre elas, gostaríamos de destacar a segunda página escrita por Geraldo Romualdo da Silva, jornalista que tinha feito a cobertura da Copa em 1950 e que tem como título “Brasil x Uruguai, o dia em que o

Maracanã chorou”, a terceira com entrevistas com jogadores brasileiros “Personagens de 50 relembram a tragédia” e a página 7 do suplemento dominical que foi uma entrevista com o goleiro Barbosa e cuja chamada é “Bigode e a agressão que não houve”.

A crônica de Geraldo Romualdo da Silva é um exercício de reflexão memorialístico em torno da final de 50. Apesar de alguns aspectos de enquadramento da memória nos termos de Michael Pollack, o texto é didático, mas também emocionante e acentua o caráter épico e de rivalidade da conquista uruguaia. Destaque para a menção ao também cronista na época José Lins do Rego em referência intitulada “Lágrimas do poeta derrotado”.

A terceira página traz o depoimento de cinco personagens de 1950 que estariam relembrando a “tragédia”, o técnico Flávio Costa além dos jogadores Ademir Menezes, Chico, Jair da Rosa Pinto e Zizinho que teria sido o mais crítico de todos ao afirmar: “que o Brasil deveria respeitar um dia em que o país chorou. Ele acha que esse novo 16 de julho não tem nada a ver com aquele de 1950, não só pela diferença dos títulos em disputa. Ele faz questão de ressaltar que o Brasil nunca havia ido tão longe numa Copa do Mundo até aquela data e que a seleção perdeu para outro time de craques” (JORNAL DOS SPORTS, 16/07/1989, p. 3).

A reportagem com o goleiro Barbosa assinada por Edílson Santos é mais uma das tantas referências feitas ao goleiro que são realizadas no aniversário desta partida. Entretanto, podemos interpretar que esta teve um caráter peculiar ao não versar tanto sobre a suposta vilania e tentar desmistificar mitos construídos ao longo dos anos como a suposta bofetada de Obdúlio Varela em Bigode.

Ademais, teve destaque a opinião avalizada de Barbosa sobre o então jovem goleiro Taffarel, o qual elogiou bastante, e uma interessante descrição do pacato cidadão Barbosa que em 1989 era casado com Dona Clotilde há 46 anos, era morador de Ramos, funcionário da Suderj, comerciante de uma loja de artigos de pesca e amante de música clássica devido a inspiração da rádio *Jornal do Brasil FM*.

Todavia, mesmo com a atípica reportagem, fica difícil não concordar com as palavras de Washington Rodrigues na crônica “Coitado do Barbosa”:

Vai se aproximando 16 de julho e o velho Barbosa começa a coçar a cabeça. Lá vem mecha. Pensa ele.

16 de julho está mais para o goleiro da seleção brasileira vice campeão do mundo em 1950, como sábado de Aleluia, como determinados políticos que entra ano, sai ano, são malhados impiedosamente.

Há trinta e nove anos que a rotina se cumpre. Jornais, emissoras de rádio e televisão, saem à cata do velho Barbosa para pedir explicações sobre o gol de Ghiggia, o gol que na tarde de 16 de julho de 1950 calou e fez chorar 200 mil pessoas no Maracanã e milhões de torcedores espalhados pelo Brasil (RODRIGUES, 16/07/1989).

O trauma de Barbosa não iria se estender aos jogadores brasileiros que disputaram a Copa América de 1989. Com um gol de Romário bem no início do segundo tempo, assim como fôra o de Friaça na partida realizada em 1950, a seleção brasileira acabou se consagrando campeão do continente 40 anos depois. Não teve possibilidade de virada da mítica “celeste” e o Brasil venceu por 1x0.

Importantes jogadores do futebol brasileiro, alguns inclusive se consagrariam campeões do mundo cinco anos depois nos Estados Unidos em 1994²⁴, acabaram sendo representados como heróis vingadores no tempo e no espaço, segundo o repórter Carlos Roberto Rodrigues em reportagem sobre a final, “Brasil vinga 50 e conquista a Copa América” (JORNAL DOS SPORTS, 17/07/1989, p. 2).

Considerações possíveis

A Copa América de 1989 foi um torneio muito interessante no que diz respeito à possibilidade das representações estabelecidas nos meios de comunicação em função da conjuntura histórica que o país vivia e especificamente das questões polêmicas envolvendo o futebol brasileiro no início da gestão de Ricardo Teixeira na CBF.

A análise do *Jornal dos Sports* traz um olhar local de um periódico esportivo tradicional que filtra os dois momentos distintos da campanha brasileira de forma bem peculiar, apresentando em muitas vezes uma postura “bairrista”.

Após uma primeira fase com diversos problemas dentro e fora dos gramados, críticas a equipe e ao seu treinador além do polêmico “caso Charles”, a seleção brasileira se recuperou, e com certo destaque, conquistou um título continental após quarenta anos em circunstâncias que possibilitaram uma espécie de redenção épica do futebol brasileiro e o acionamento da memória da final da Copa do Mundo de 1950 conquistada pelos uruguaiois. Assim sendo, foi possível perceber como mais uma vez um torneio de futebol transcendeu os gramados, sendo apropriado por um veículo de

²⁴ Taffarel, Aldair, Branco, Dunga, Mazinho, Bebeto e Romário formariam a espinha dorsal da equipe campeã do mundo cinco anos depois (com o treinador Carlos Alberto Parreira), apesar de uma eliminação frustrante diante da Argentina de Maradona e Caniggia em 1990 com a permanência do técnico Sebastião Lazaroni na Copa da Itália.

comunicação como reflexo de questões nacionais e com reverberação na memória coletiva.

Referências bibliográficas

ANÁLISE da inflação medida pelo INPC 1989. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Pesquisas. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

COUTO, André Alexandre Guimarães e CABO, Álvaro Vicente do. A Copa já Chegou!! O Sul-Americano de Futebol de 1949 e as Crônicas do Jornal dos Sports. *In: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 2012, Belém. São Paulo: Intercom, 2019. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019>. Acesso em: 04 de outubro de 2020.*

DA MATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FERREIRA, Jorge. O presidente acidental: José Sarney e a transição democrática. *In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Coleção O Brasil Republicano. V. 5. P. 27-71.

FREIRE, Américo e CARVALHO, Alessandra. As eleições de 1989 e a democracia brasileira: atores, processos e prognósticos. *In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Coleção O Brasil Republicano. V. 5. P. 119-161.

HOFFMANN, Rodolfo. Desigualdade e pobreza no Brasil no período 1979-90. *In: Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro: FGV, 2/1995.

JORNAL dos Sports. Rio de Janeiro, 1º/07/1989 a 17/07/1989.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota. 16 de julho de 1950**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. *In: Estudos Históricos*, v. 2, n. 3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

PRADO, Luiz Carlos Delorme e LEOPOLDI, Maria Antonieta P. O fim do desenvolvimentismo: o governo Sarney e a transição do modelo econômico brasileiro. *In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). O tempo da Nova República: da transição democrática à crise política de 2016*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Coleção O Brasil Republicano. V. 5. P. 73-117.